

RODA VIVA 4.

FU E ELES

PR AMDEL

LEMBRANÇAS DE:

**MÁRIO CARNEIRO – LETÍCIA SPILLER – GALHARDO
ROUPA NOVA – GILBERTO GIL – VLADIMIR PALMEIRA
JAIR MARINHO – MARIA BETHÂNIA – MILLÔR FERNANDES
SERGIO BRITTO – ÂNGELA RÔ-RO – PAULO CEZAR SARACENI**

**VILA
REJO**

RODA VIVA 4.

FU E ELES

PR AMDEL

LEMBRANÇAS DE:

MÁRIO CARNEIRO – LETÍCIA SPILLER – GALHARDO
ROUPA NOVA – GILBERTO GIL – VLADIMIR PALMEIRA
JAIR MARINHO – MARIA BETHÂNIA – MILLÔR FERNANDES
SERGIO BRITTO – ÂNGELA RÔ-RO – PAULO CEZAR SARACENI

**VILA
REJO**

Copyright © Paulo-Roberto Andel, 2018
Todos os direitos reservados

Coordenação editorial
Paulo-Roberto Andel e Zeh Augusto Catalano

Capa, projeto gráfico e revisão
Paulo-Roberto Andel

Vilarejo Metaeditora
www.vilarejometaeditora.com.br

Andel, Paulo-Roberto, 1968

Roda Viva 4 – eu e eles

Vilarejo Metaeditora, 2018

ISBN 978-85-919296-6-2

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem prévia autorização

1ª Edição

2018

SUMÁRIO

Introdução	07
Um pouquinho de nós	11
Sérgio Britto	15
Ângela Rô-Rô	21
Saraceni e Mário	27
Letícia Spiller	33
Galhardo	39
Roupa Nova à paisana	43
Gilberto Passos Gil Moreira	47
Vladimir Palmeira	51
Jair Marinho	55
Maria Bethânia	59
Millôr Fernandes	63
Meninos do Rio (bônus)	67

INTRODUÇÃO

O Fluminense escreveu vários dos mais relevantes episódios do futebol brasileiro e mundial. Foi o colonizador do futebol carioca, estendendo seus braços até São Paulo. Ninou os primeiros passos da Seleção Brasileira. Construiu o estádio mais importante do Brasil em sua época, até que em fins dos anos 1940, tornou-se o único clube de futebol do mundo a conquistar a Taça Olímpica, o Oscar da excelência esportiva.

Por outro lado, o Fluminense sempre foi tido como o clube de uma torcida de elite, sem que esse conceito fosse exatamente delineado e, por isso mesmo, distorcido. Os meios de comunicação muitas vezes tentaram atribuir ao Flu a pecha de excludente, de um clube hostil às classes populares, o que naturalmente é uma bobagem. A verdadeira vocação do Tricolor é a da elite intelectual,

charmosa, representativa, que nada tem a ver com posses ou classe social. Quem conhece o universo tricolor sabe como a nossa torcida está em todos os lugares, tendo um enorme apelo popular.

No aspecto da elite intelectual, o Fluminense carrega há décadas um título praticamente inigualável em todo o planeta. Que outro clube de futebol conseguiu atrair tantas personalidades de um país para a sua torcida? Pense em nomes como Santos Dumont, Tom Jobim, Cartola, Paulo Cezar Saraceni, Dado Villa-Lobos ou Belchior, só para começar a conversa. Na música, no teatro, no cinema, na televisão, na política, no empresariado, na arquitetura, na literatura, o Fluminense coleciona nomes e nomes de craques em lotes, muitos deles apaixonados torcedores e frequentadores das arquibancadas em três cores.

Ao lado de Álvaro Doria, Raul e Rita Sussekind, o escritor Paulo-Roberto Andel entrevistou cerca de 70 torcedores famosos do clube entre 2005 e 2011 para um livro que, futuramente, chegará às livrarias. Os depoimentos são inéditos e exclusivos, sendo que alguns entrevistados já faleceram - o que torna a obra ainda mais importante. Em "Roda Viva 4 - eu e eles", Paulo traz à tona o lado B de algumas dessas conversas em breves passagens, bem como alguns casos de não entrevistados de absoluta importância para a torcida e a história do Tricolor.

UM POUQUINHO DE NÓS

É claro que esta é uma pequenina amostra. Caso contasse com todos os nomes, daria um livro inteiro. Mas basta um simples estalar de dedos e logo surge um monte de craques tricolores das mais variadas áreas de atuação.

Teatro: Sergio Britto, Ítalo Rossi, Fernanda Montenegro, Augusto Boal, Nelson Rodrigues.

Música: Chico Buarque, Maria Bethânia, Gilberto Gil, Tom Jobim, Cartola, Dado Villa-Lobos, Noca da Portela, Arthur Moreira Lima, Hermeto Pascoal, Fagner, Belchior, Paulo Ricardo, João Barone, Renato Russo.

Cinema: Paulo Cezar Saraceni, Mário Carneiro, Chico Diaz, Hugo Carvana, Marcelo Janot, Antônio Leal.

Televisão: Evandro Mesquita, Fernanda Rodrigues, Suzana Verner, Caio Blat, Romeu Evaristo, Thiago Fragoso, Bruno de Luca.

Jornalismo: Bial, Ana Paula Araújo, Paulo Henrique Amorim, Ronaldo Bôscoli, André Trigueiro, Renata Capucci, Nelson Motta, Ronaldo Rosas, João Máximo, José Rezende, André Barcinski, Sérgio Chapelin.

Literatura: Carlos Heitor Cony, Moacyr Cirne, Ivan Sant'anna, Fausto Fawcett, Stanislaw Ponte Preta, Thalita Rebouças, José Roberto Padilha, Marcelo Moutinho.

Aviação: Santos-Dumont.

Ballet: Ana Botafogo.

Poesia: Chacal, Coelho Neto.

Humor: Beto Silva, Gregório Duvivier, Sergio Mallandro, Miguel Paiva.

Multitarefa: Jô Soares, Millôr
Fernandes.

Automobilismo: Cacá Bueno.

Rádio: José Carlos Araújo,
Gerson Canhotinha, Ricardo Mazella.

Esporte: Bernard Raszjman,
Juliana Veloso.

SÉRGIO BRITTO



Estávamos divididos: havíamos marcado duas entrevistas para o mesmo dia. Ao mesmo tempo, dois tricolores cujos nomes dispensam quaisquer apresentações: Francisco Horta e Sérgio Britto, o eterno presidente e o mito do teatro. Baseados em algum critério que não me lembro mais, Rita ficou incumbida

de entrevistar Horta no Parque Guinle, enquanto eu e Doria partimos para Santa Teresa. Algo em torno do fim de 2005.

Chegamos e encontramos uma bela casa, espaçosa e com móveis clássicos, muitos discos e livros. Foi fácil perceber que era exatamente ali que Sérgio gravava o seu programa "Arte", que foi exibido por muitos anos na TVE, posteriormente TV Brasil.

Logo o grande ator veio nos receber. Caminhava lentamente, o que era compreensível: já tinha passado dos oitenta anos. Por outro lado, eu tinha alguma preocupação: será que a entrevista seria suficiente boa para o livro que estávamos escrevendo? O homem de teatro era dos mais importantes do país, mas eu tinha feito uma pesquisa sobre sua condição de tricolor e não havia achado nada. Será que, com tantas atribuições e a conseqüente falta de

tempo, Sérgio Britto acompanhava realmente o Fluminense?

O velho ator, legenda do teatro brasileiro, sentou-se lentamente no sofá de sua sala, ao lado de Doria, enquanto eu estava numa poltrona. Mas foi só o meu colega ligar o gravador para que Sérgio remoçasse uns 40 anos, com energia total para começar a falar e gesticular. Eu veria a mesma coisa anos mais tarde, tanto com Bibi Ferreira quanto Serguei, e isso é da lida artística: ligou a câmera, o gravador, o microfone e o astro é uma fênix em voo rasante, pouco importando a idade, os problemas de saúde ou qualquer outro revés.

Minhas dúvidas foram para o espaço e quebrar a cara naquela tarde foi bom demais. Sergio deu um show sobre o Fluminense: atento aos novos jogadores daquela época, dissertou sobre Arouca, Fernando Henrique, Rodrigo Tiuí e Lenny - posso dizer que praticamente cravou a trajetória de

cada um deles, sem pestanejar. Falou do luxo que era ter a Jovem Flu nas arquibancadas com Hugo Carvana, Chico Buarque, Ronaldo Bôscoli e outros nomes marcantes da vida artística brasileira. Do orgulho de ter acompanhado o Fluminense dos anos 1950, campeão do mundo com Telê e Didi. Da elegância de Castilho, das conquistas do bicampeonato do Torneio Rio-São Paulo - a competição mais importante do Brasil e da América do Sul naquela época. E aí recuou aos anos 1940, que ele viu de perto na época quando era um jovem estudante de Medicina e um fanático tricolor das arquibancadas das Laranjeiras, vibrando com os gols tricolores de Ademir Menezes em 1946, antevistos pelo mitológico treinador Gentil Cardoso: "Deem-me Ademir e eu lhes darei o título". Dito e feito.

Depois de mais de três horas de conversa, perto do fim da entrevista

eu lhe propus que escolhesse sobre um grande momento dos muitos que ele havia presenciado em quase 70 anos de paixão pelo Fluminense. Disse-me que precisaria de uma semana inteira para falar de tudo, mas que ali tinha pensado num dos maiores jogos que assistiu: o famoso Fla x Flu da Lagoa, no empate em 2 a 2 que levou o Fluminense ao título imortal de 1941 e à consagração de um de seus maiores times - campeão em cinco das seis temporadas que disputara. "Vamos parar com essa bobagem de falar de 'cera' do Fluminense: nós chutamos apenas duas bolinhas normais na Lagoa, sem maiores prejuízos - o campo ficava à beira da água, fazer o quê? Ganhamos no peito e na raça, e a história daquele time desde o ano de 1936 (também campeão em 1937, 1938 e 1940, além do famoso 1941) não deixa qualquer dúvida".

Um dos maiores atores brasileiros de todos os tempos era também um apaixonado torcedor que descobri naquela tarde em Santa Teresa, e era testemunha ocular de um dos títulos mais avassaladores do Fluminense contra o rival rubro-negro. E ainda veria mais em seus últimos anos de vida: o campeonato carioca de 2012, mais os Brasileiros daquele mesmo e de 2010.

Já bastante adoentado, Sérgio fez questão de ir ao jogo decisivo contra o Guarani que decidiu nosso terceiro título brasileiro no Engenhão lotado. Levado por seu amigo Hélio Sussekind, o ator compareceu ao estádio numa cadeira de rodas, mas nem por isso deixou de ser vibrante com o time de sua paixão.

Sérgio Britto, Ítalo Rossi e Fernanda Montenegro. Três amigos, a Santíssima Trindade do teatro brasileiro. Preciso dizer mais?

ÂNGELA RÔ-RÔ



Eis uma tarde de tremenda alegria: tínhamos acabado de entrevistar ninguém menos do que Carlos Alberto Parreira, então treinador da Seleção Brasileira, em plena CBF – o que significa ter passado por N seguranças e portas de acesso -, a

três meses do Mundial da Alemanha em 2006.

Ficamos tão contentes que resolvemos beber um chope no Shopping Downtown. Raul morava ali peto por sinal. Parreira é uma das páginas eternas do Fluminense e nos mostrou um sentimento difícil de ver por aí: quando chegou a hora de autografar nossa bandeira (que já é uma peça valorizada, porque nela assinaram jornalistas, craques, dirigentes, treinadores, artistas, políticos e supertricolores em geral), ele foi bem ao centro, perto do escudo e cravou “Obrigado por tudo, Fluzão!”. Li com felicidade, a porto de Parreira ter percebido a minha reação e dito “Não tenha dúvida, Paulo: é obrigado por tudo mesmo ao nosso Fluzão! Se hoje estou aqui com vocês, a três meses da Copa do Mundo, novamente dirigindo a Seleção Brasileira que um dia me levou ao título mundial, é por causa do Fluminense. É isso que nos

reúne aqui.”. Parreira é um lorde, definitivamente.

Depois de alguns refrescantes chopos, estava na hora de voltar para o Centro. Pouco antes de irmos embora, Alvaro Doria sacou seu coelho da cartola: “Com a sorte que tivemos hoje driblando a Record e entrevistando o Parreira antes, é fundamental ligarmos para a Ângela Rô-Rô e marcarmos uma entrevista com ela”. Ok, vamos lá.

Paramos num grupo de orelhões do Downtown (para os mais jovens, orelhão é o telefone público, carregando com cartões para as ligações – ninguém mais sabe disso – quase todos eles viraram pequenos outdoors de garotas de programa e travestis), Doria puxou o cartão e, para nosso espanto, a própria Rô-Rô atendeu – pude constatar quando ele me passou o fone e eu a escutei. Atendeu e conversou. Quero dizer, não foi bem uma conversa: ela

atendeu o telefone e começou a falar, falar, falar até involuntariamente ter recitado o maior rap de todos os tempos para não contar nada muito importante. Depois de uns vinte minutos contando sobre paz, luz, espíritos, coração e mais trocentos outros itens, Rô-Rô confessou que era uma tricolor sem vergonha, porque era apaixonada pelo time e pela camisa, mas não sabia absolutamente nada de Fluminense. Especulou que fôssemos para sua casa num dia em que Nelson Motta estivesse presente, pois em sua avaliação ele sim poderia nos dizer coisas importantes sobre o Flu.

Em nenhum momento Rô-Rô percebeu que tinha tido interlocutores diferentes na conversa telefônica. Explica-se: foi um monólogo. Ela falou sozinha como se estivesse num processo de catarse, expondo as suas verdades telefônicas sem o menor compromisso com quem estivesse

ouvindo, bem ao contrário de seus shows fantásticos, onde ela é seguramente uma das maiores cantoras brasileiras de todos os tempos, com sua faiscante mistura de fossa com blues, jazz, mpb, irreverência e uma voz espetacular. No fim, ela nos desejou sorte, saúde, paz e amor com a maior intensidade possível. Não se preocupou com qualquer réplica.

Terminada a audição telefônica, tomamos o rumo de casa. No carro, ríamos a valer com razão: o Fluminense é tão foda, mas tão foda que seus torcedores conseguem ser cativantes mesmo que não entendam nada de futebol ou sequer saibam que a bola é redonda. Ângela Rô-Rô é Fluminense do jeito dela, irreverente, distante de corpo, mas perto de afinidade – de atitude, a ponto de não enxergar nada nos gramados, mas perceber em Nelson Motta o *élan* das três cores quando elas querem dizer

um só nome. É um escudo nosso pelos palcos do Brasil afora, *body & soul*, emocionando os corações das plateias tal como um craque nosso encanta a torcida quando marca um autêntico gol tricolor. Amor, nosso grande amor!

SARACENI E MÁRIO



Já contei esta história noutros livros e crônicas, mas ela é especial demais e merece reprise.

Um caso especial. Eu já era seu fã desde garoto, até que um dia descobri sua magnífica história

tricolor – foi craque do Flu, quase disputou as Olimpíadas e acabou deixando o futebol por conta de sua paixão pelo cinema - e, por coincidência, fiquei muito amigo de seu sobrinho-neto, Bruno, que articulou nossa entrevista. Desnecessário dizer do homem que fez amigos como Marco Bellocchio e Bernardo Bertolucci, foi premiado internacionalmente e é o autor da célebre frase “Uma ideia na cabeça, uma câmera na mão”.

Chegamos à casa de Saraceni, no alto do Jardim Botânico, num sábado à tarde. Imediatamente fomos muito bem recepcionados por sua esposa, a atriz Ana Maria Nascimento e Silva, presença constante na filmografia do cineasta. Ficamos numa espécie de saleta aberta para o jardim, num sofá e muitos livros em volta.

Divertido demais foi, em certo momento, Saraceni me dizer: "Como

você sabe dessas coisas? Você é novo demais! Quando isso aconteceu, seu pai mal havia nascido (risos)". O grande homem de cinema havia ficado surpreso com meus comentários sobre sua paixão pelo Fluminense, a amizade com Octavio de Faria (poeta e seu mentor intelectual), a sua paixão pelos cineclubes e, finalmente, sua divertidíssima história como o único brasileiro que foi para a Europa de ônibus (explica-se: ao ganhar uma bolsa para estudar cinema em Roma, Saraceni comprou uma passagem de navio, mas o mesmo saía do Porto de Vitória e, para chegar até lá, ele encarou a viagem pela estrada do Rio até a capital capixaba).

No final da entrevista, eu estava feliz com o resultado e aí surgiu a sua faceta mais marcante: a de amigo. Insistiu muito para que não deixássemos de gravar com Mário Carneiro, o grande montador de filmes do Cinema Novo, praticamente um

coautor, sempre presente nas obras de Saraceni. "Não deixem de falar com o Mário, ele é tricolor demais, um amigo querido e uma pessoa muito importante para mim". Infelizmente o tempo foi carrasco e pouco tempo depois Mário faleceu, mas ficou em todos nós, presentes à casa de Paulo Cezar Saraceni naquele sábado, o gosto de algumas das maiores qualidades que se pode encontrar em tricolores: a fidalguia, a nobreza dos gestos, a importância da amizade e camaradagem entre irmãos de afinidade numa mesma câmara.

Não pudemos entrevistar Mário Carneiro, mas tivemos absoluta certeza de que ele foi um grande escudo do Fluminense no Cinema Novo, um movimento que fez o Brasil ser respeitado no mundo inteiro pelos amantes da sétima arte. Uma ideia na cabeça, três cores no coração. Onde quer que estejam, Saraceni e Mário vibram com o Fluminense, que lhes

serviu de grande tela de emoções
agudas e felicidades idem.

LETÍCIA SPILLER



Tarde de glórias: depois de 26 anos, o Fluminense tinha acabado de ser campeão brasileiro diante do Guarani e a torcida experimentava uma catarse inesquecível. Com o estádio do Engenhão já esvaziando e a massa

tricolor ganhando as ruas da cidade, percebemos que Letícia Spiller, a grandiosa e belíssima atriz, ainda se encontrava sentada na arquibancada, ostentando seu barrigão de quase nove meses de gravidez. Claro, imediatamente a abordamos e recebemos total simpatia para uma entrevista tricolor.

Não que fosse exatamente uma novidade. Nas duas partidas anteriores à conquista do tricampeonato tricolor, Letícia estivera presente também: 2 a 1 sobre o Palmeiras (uma partida que, por todas as suas características surreais, merece um livro à parte) e os monumentais 4 a 1 sobre o São Paulo. Linda e vibrante, ela atraiu todos os olhares no estádio de Barueri, onde estes dois jogos foram realizados. Tirou fotos, deu vários autógrafos e foi de uma atenção enorme para com todos os torcedores fãs que lhe abordavam.

Conversamos sobre o nosso Fluminense, sobre TV, o seu gosto apurado na poesia e literatura em geral, e de sua admiração pela nossa torcida, da qual ela é um dos símbolos máximos de beleza e talento. É impossível não se curvar ao magnetismo de seu olhar, que remete às grandes damas da nossa arte dramática, como Tônia Carrero, ou de mitos de Hollywood como Elizabeth Taylor ou Natalie Wood. E Letícia ali, simpática, delicada, às vésperas do esplendor de sua maternidade, com toda a calma do mundo depois de uma tarde quentíssima e tensa para milhões de tricolores mundo afora.

Quando a atriz estava encerrando o depoimento, de longe vimos um grupo de jovens absolutamente encantados com sua presença, e que imediatamente correram para perto de nós: queriam uma foto ou autógrafo. Com seu sorriso eterno, ela nos agradeceu e

passou a atender a turma, jovens homens e mulheres que eram crianças quando ela iniciou a sua carreira no programa de televisão da apresentadora Xuxa, antes de sua imensa trajetória que passa também por teatro e cinema.

Duas horas depois, vivemos uma pequena tragédia: um temporal varreu a cidade do Rio, inutilizando nossos aparelhos como a câmera de vídeo, a fotográfica e o gravador sonoro. Perdemos tudo, tudo, tudo! Não foi salvo um mísero registro sequer, mas a elegância de Letícia Spiller na reta final do tricampeonato tricolor em 2010, deitada em berço esplêndido na arquibancada da conquista tricolor, é uma página eterna da minha memória e de meus amigos escritores presentes na ocasião. Ninguém melhor do que ela para representar o ideário da beleza e da inteligência tricolor depois de um grande título.

Oito anos depois, Letícia está cada vez mais bonita, talentosa, desafiando definições e exercitando o melhor de sua arte. Mais uma vez, quem vence é o Fluminense.

GALHARDO



Em novembro de 2016, o Fluminense vivia a sua tradicional efervescência por conta das eleições presidenciais do clube, com suas instalações cheias e um corre-corre para todo lado. Havia tanta gente que foi possível

ouvir um prócer tricolor dizendo para o outro “Devia era ter eleição aqui todo mês, para movimentar a sede. Veja só como está!”.

Eu estava com minha turma da pesada num saboroso churrasco depois das quadras de tênis. Naquele momento, o time não empolgava muito, mas qualquer encontro de tricolores é motivo para belas resenhas sobre futebol.

Num súbito, correu a conversa de que Galhardo, ídolo do clube, vigoroso zagueiro tricolor em meados dos anos 1960, estava nas Laranjeiras para gravar um especial de TV. A suspeita se confirmou meia hora depois, quando o mito de 1969 apareceu perto da churrasqueira e deve ter experimentado um dos momentos culminantes de sua vida: mais de 40 anos depois de ter jogado pelo Fluminense, Galhardo teve seu nome berrado a plenos pulmões por uma centena de tricolores, alguns tão

jovens que nem eram nascidos quando ele era a referência da defesa tricolor.

Emocionadíssimo, o veterano zagueiro tirou muitas fotos, foi abraçado por todos os tricolores e ficou mudo quando eu lhe disse que ele tinha sido um dos heróis do meu pai - e como ele gostaria de poder estar ali para lhe dar um abraço.

Emudecido, Galhardo ali era uma torcida inteira, um Fluminense de vitórias plenas e verdadeiras, um símbolo da nossa autoestima.

Perto de nós e também muito emocionado, estava meu amigo Antonio Gonzalez, que certamente reviveu naqueles momentos os melhores tempos de sua infância tricolor. Alguns amigos na faixa dos sessenta anos de idade, que viram Galhardo jogar, não puderam evitar os olhares marejados - o zagueiro os

remeteu aos melhores momentos da juventude.

Uma tarde de muito sentimento, saudade e felicidade.

ROUPA NOVA À PAISANA



Em 2010, a torcida do Fluminense vivia uma catarse, uma esperança tão intensa na conquista do campeonato brasileiro que o Engenhão vivia lotado. Só o que importava era o Flu, a ponto de, numa partida à noite, ao lado de Leo Prazeres, eu ter visto à paisana - leia-se com camisetas do Fluzão - alguns dos integrantes de um dos mais populares conjuntos brasileiros, o Roupas Novas, sem que nenhum outro torcedor os notasse.

Discretos, encolhidos, eles passavam de maneira incólume pela multidão tricolor na porta do estádio, até que discretamente falei perto deles "Roupa Novaaa, mas que belezaaa", imitando o apresentador de TV Amaury Jr. Era uma galhofa, claro.

Visivelmente tenso, o tecladista Ricardo Feghali disse: "Cara, por favor, não fala muito alto porque, se o pessoal nos reconhecer por aqui, não vamos conseguir entrar e o Fluzão tem que ganhar de qualquer maneira!". Então ri e prometi que ficaria quietinho. O pior mesmo é que só eu e Leo os reconhecemos na multidão, já que todos estavam hipnotizados pela esperança de mais uma vitória tricolor rumo ao sonhado título. De toda forma, Feghali tinha total razão: bastaria um fã mais atento e a coisa iria pelos ares. É difícil ser uma celebridade de verdade, muito diferente do que acontece com

os exóticos “formadôris de openeaum” das redes sociais.

Naquela noite de grande lotação à porta do Engenhão, os astros da música brasileira não estavam no palco recebendo o aplauso de milhares de fãs, mas sim cumprindo seus deveres cívicos de paixão pelo Fluminense nas arquibancadas. Sorrisos abertos e roupa nova, os craques do palco deslizavam felizes como discretos anônimos em busca da vitória do nosso time.

GILBERTO PASSOS GIL MOREIRA



Que ninguém se engane: aquela simpatia, ponderação e lucidez que todo mundo tem visto na TV há meio século é exatamente daquele jeito ao vivo, sem tirar nem por. Certamente foi uma das entrevistas mais difíceis que já fiz, porque sou fã demais de Gilberto Gil. Mas deu tudo certo.

Passamos horas em seu estúdio Geleia Geral numa segunda-feira de 2011. O Flu tinha acabado de ser

campeão brasileiro, o que havia deixado o genial artista muito contente. E conversamos sobre um monte de coisas. Imaginem que, pouco antes da nossa conversa, Gil pediu se poderíamos esperar uns dez minutos, já que concederia uma breve entrevista por telefone a uma rádio francesa. Quase caí para trás: se ele pedisse, eu esperaria o mês inteiro!

Aqui destaco dois temas da conversa.

O primeiro: o início da paixão de Gil pelo Fluminense, nos anos 1950, por causa do jogo de botão e da heráldica do nosso escudo, que ele considera fascinante. As cores naturalmente lhe chamaram a atenção de garoto, mas ele deixou claro que o nosso escudo foi sua primeira e permanente paixão.

O segundo foi inevitável, já que erroneamente faz parte do imaginário popular com a interpretação invertida:

a pergunta de Gil afinal tinha feito ou não uma saudável gozação com o rival da Gávea na gravação de um de seus maiores sucessos, "Aquele abraço". A resposta foi uma de suas marcantes – e retumbantes – gargalhadas ecoando por todo o estúdio, o que já diz absolutamente tudo.

VLADIMIR PALMEIRA



Em julho de 2016, fui convidado a participar como debatedor na FluFest, a festa de aniversário do Fluminense, numa mesa com eternos craques da Máquina Tricolor: Pintinho e Gil. Havia outros convidados também. Neste dia, tive a sorte de dizer a Pintinho sobre o cracaço que ele foi, encantando a todas as crianças da minha geração com seu futebol

refinadíssimo, padrão Barcelona dos tempos modernos.

Quando chegou a hora da troca dos debatedores, para minha total surpresa, quem chegou ao recinto foi Vladimir Palmeira. Eu sempre o admirei por outros motivos, os de natureza política. Ali, no entanto, era um apaixonado torcedor do Fluminense, frequentador assíduo das arquibancadas - e logo eu, que lá estive por 40 anos consecutivos, não me perdoou por jamais tê-lo visto no estádio. Fiquei para escutar sua fala, sua paixão pelo Flu e até de situações inusitadas como, por exemplo, quando ele era um preso da ditadura militar-empresarial e acompanhava pelo radinho os jogos do Fluminense, seu pequeno momento de alegria em alguns dos piores anos do Brasil.

À saída, na sala de troféus, fui saudá-lo, trocamos um caloroso abraço, disse-lhe algumas palavras de admiração, mas a verdade é que não

consegui dizer quase nada do que exatamente queria. O jovem Vladimir tomou para si a causa de um povo inteiro, enfrentando o totalitarismo e pagando caro por seus ideais, mas em nenhum momento arredou pé deles. Foi com a cara e a coragem, características inerentes a um tricolor de verdade. A seu lado, em muitas passeatas, uma multidão de jovens dispostos a libertar o Brasil, dentre eles meu tio Mendel, exilado em 1970.

O radinho, ele escuta até hoje.

JAIR MARINHO



Raras vezes me diverti tanto ao conversar com um dos grandes personagens do Fluminense. Com meus amigos, encontrei Jair Marinho e seu inseparável camarada Altair para uma boa conversa à beira de uma pelada no Gragoatá, bem no centro da cidade de Niterói. Dois

homens muito simples, tranquilos, distintos, mas fundamentais no mundo do futebol: campeões mundiais em 1962 pela Seleção Brasileira. Por muitos anos, a dupla foi titular absoluta das laterais do Fluminense, Jair na direita e Altair na esquerda.

Jair Marinho é divertido demais. Teria sido um excelente comentarista de futebol - porque entende muito do assunto - e certamente faria todo o público espectador cair no riso, tamanha é a quantidade de coisas engraçadas que fala por minuto. Ele e Altair são meio que complementares: o eterno lateral esquerdo das Laranjeiras, a seguir funcionário do clube por décadas, era mais calado, reservado. Jair falava pelos dois e pelos cotovelos também. Iniciaram uma grande amizade há mais de 60 anos, hoje cada vez mais forte porque Altair tem sérios problemas de saúde e seu grande suporte diário é o velho

amigo das peladas, da labuta do futebol e da vida inteira. Um exemplo de amizade e fidelidade.

Era uma tarde de sábado ensolarado niteroiense quando nos deparamos com dois dos maiores escudos da história do Fluminense. Ouvimos maravilhosos causos dos anos 1950 e 1960, e também sentimos a emoção quando Jair Marinho deixou claro que não queria ter saído do Fluminense para a Portuguesa de Desportos - sempre foi torcedor do Flu, muito antes de vestir a camisa profissional e, se pudesse, ficaria com ela até o final da carreira. Só que o clube precisava de dinheiro e, ao mesmo tempo, estava de olho em promover uma promessa dos juvenis, chamada Carlos Alberto Torres - para a gente ver o que era o Fluminense daqueles tempos. E Torres foi motivo de mais gargalhadas ainda: circulou durante muito tempo a lenda de que os dois eram primos, quando Jair

disse "Se fosse primo e puxasse esse tapete, imagina se fosse irmão". Aos risos, desmentiu qualquer problema: os dois sempre foram muito amigos, Jair foi quem praticamente preparou Torres para a subida ao time profissional e os dois sempre mantiveram contato depois da aposentadoria nos gramados.

Bicampeão do Rio-São Paulo pelo Fluminense em 1958 e 1960 (o maior título brasileiro daquele tempo), campeão carioca em 1959; sucessor da tríade imortal Castilho, Píndaro e Pinheiro; campeão do mundo pelo Brasil e mentor de Carlos Alberto Torres, o Capitão do Tri e da imortal Máquina Tricolor. É preciso dizer mais alguma coisa de Jair Marinho?

MARIA BETHÂNIA



Esperamos um bom tempo, mas valeu a pena: nossa entrevista marcada com Maria Bethânia começou com cerca de duas horas de atraso, devido a um engarrafamento enorme na zona sul da cidade. Não foi nenhum sacrifício; afinal, os jardins da gravadora Biscoito Fino, no Jardim Botânico,

são uma maravilha e um bate-papo admirando a natureza é sempre bom.

Simpaticíssima, Maria Bethânia chegou pedindo mil desculpas pelo atraso, embora não tivesse culpa de absolutamente nada: quem mora no Rio sabe os riscos do verdadeiro caos que se forma na cidade com um simples pneu furado – há carros, carros, carros, ônibus, caminhões e tudo demais.

Resolvemos gravar na varanda da Biscoito Fino, aproveitando o ambiente especial. Conversamos com a supercantora por cerca de duas horas, com direito a canto e tudo. Foi o máximo: só o Fluminense para me colocar sentado à frente de Maria Bethânia, ouvindo-a cantar. E falando de Flu, ela se derreteu. A carreira sempre a impediu de ser uma torcedora presente, mas ela sempre espiou os rádios de pilhas quando podia, carregando a tradição de seu pai, também tricolor.

“Só fui ao Maracanã uma única vez, mas não precisei voltar nunca mais para ser apaixonada para sempre. Aquela imagem das bandeiras, do pó de arroz, do time todo de branco, foi uma coisa que mexeu muito comigo e falo como se fosse agora, embora isso tenha mais de 40 anos. Eu estava com Chico (Buarque) e aquilo foi uma COISA!” (risos).

“Meu pai era tricolor e isso já me causava simpatia. Depois conheci Gil e, para culminar, vim para o Rio e conheci Chico. Como não se encantar de vez pelo Fluminense? Me diga por favor (muitos risos). E o charme? A elegância. Onde quer que ela esteja, seja na terra batida ou no piso de mármore, a torcida do Fluminense chega e transforma tudo num salão nobre francês”.

Uma das maiores cantoras brasileiras da história, consagrada mundo afora, Bethânia falou muito da

necessidade de educação, de formação das crianças e do quanto isso significava para o progresso do Brasil. Sagacidade e perspicácia que uma tricolor é capaz de oferecer em qualquer conversa simples, mas profunda de corpo e alma.

MILLÔR FERNANDES



Ele é um dos maiores brasileiros de todos os tempos em qualquer ramo de atividade artístico-intelectual. Em sua breve apresentação na Wikipedia, lê-se:

“Desenhista, humorista, dramaturgo, escritor, poeta, tradutor e jornalista brasileiro. Conquistou notoriedade por suas colunas de

humor gráfico em publicações como Veja, O Pasquim e Jornal do Brasil.

Começou a trabalhar ainda jovem na redação da revista O Cruzeiro, iniciando precocemente uma trajetória pela imprensa brasileira que deixaria sua marca nos principais veículos de comunicação do país. Em seus mais de 70 anos de carreira produziu de forma prolífica e diversificada, ganhando fama por suas colunas de humor gráfico em publicações como Veja, O Pasquim e Jornal do Brasil, entre várias outras. Em seus trabalhos costumava valer-se de expedientes como a ironia e a sátira para criticar o poder e as forças dominantes, sendo em consequência confrontado constantemente pela censura. Dono de um estilo considerado singular, era visto como figura desbravadora no panorama cultural brasileiro, como no teatro, onde se destacou tanto pela autoria

quanto pela tradução de um grande número de peças.”

Resumindo: gênio.

Sintetizando: tricolorzaço-aço-aço.

Mas aí havia um problema: como entrevistar o homem que revolucionou o humor impresso do Brasil, se ele era 100% avesso a entrevistas, premiações, homenagens, convescotes e o diabo a quatro? Não saía de casa para nada disso, só falava por sua arte mágica, retratada em mil expressões diferentes.

Telefone, não atendia. Recado, ninguém passava. O que fazer? Mandar um e-mail, mas será que responderia? Ok, vamos lá, mesmo sabendo que a chance de retorno era de 0,0001%. Tudo bem, já tinha no currículo um excelente bate-papo com ninguém menos do que Ivan Lessa, outro monstro da cultura nacional

(então radicado em Londres), mas era preciso ser realista no caso Millôr. Escrevi, assinando em nome dos quatro sócios literários.

Três dias depois, o inesperado e o esperado deram as mãos e chegaram juntos à minha caixa de correio eletrônico.

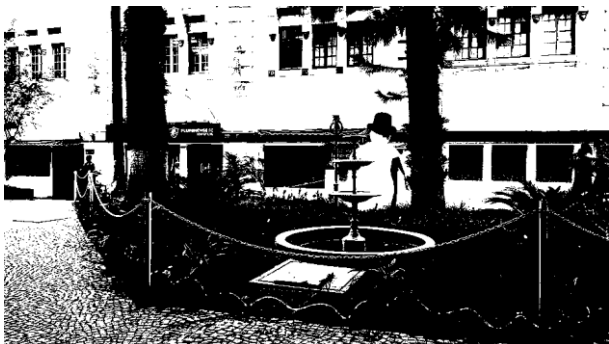
“Prezados Paulo, Rita, Raul e Alvaro, fico muito grato pela lembrança para a entrevista sobre o nosso Fluminense. O problema é que isso que vocês pediram é coisa para tricolor doente, doente mesmo, e eu sou saudável demais: esbanjo saúde (cof, cof). Um dia eu mudo.

Um grande abraço do Millôr.”

Celebramos a melhor entrevista que jamais faríamos sobre o Fluminense e rimos muito.

Quando o caso é levar toco de uma celebridade tricolor, até nisso existem charme e elegância.

MENINOS DO RIO, TEMPOS DAS LARANJEIRAS



I

Sábado de manhã, e por alguns momentos – ou muitos –, eu voltei no tempo e me senti com dez ou onze anos de idade, quando meu pai ainda me puxava pela mão e entrávamos pelo portal dos sonhos da Rua Pinheiro Machado, até que cada passo nas arquibancadas imortais fosse um pedaço do céu. Fizemos isso muitas vezes, fosse para vermos os jogos dos juvenis, coletivos dos profissionais ou

mesmo um treinamento de goleiros. Edinho só parava de cobrar faltas quando escurecia. Depois, voltávamos a pé das Laranjeiras até Copacabana, uma senhora caminhada.

Acordei cedo, fiz a fé na loteria, peguei o táxi e fui para o Fluminense. Estava programado o quinto encontro de jogadores veteranos do clube, com uma pelada e depois um churrasco. Cheguei bem cedo, comi dois pães de queijo no eterno Bar do Fidélis e subi orgulhosamente os degraus das sociais. Antes, conversei com Paulo, um dos funcionários encarregados do almoxarifado e limpeza da sede – o que me impactou foi ver como ele é muito tricolor, dizendo de suas lembranças, do momento em que passou a torcer para o Flu e de outras coisas legais.

II

O Fluminense é uma atmosfera. Você passa por um corredor estreito e, ao se deparar com o campo de glórias, sente ali uma força, uma presença, a história que se esparrama. Exatamente ali nasceu a torcida do futebol brasileiro, graças às nossas moças torcendo seus lenços e também a Chico Guanabara, que desde cedo ensinou que o Tricolor é coisa bem séria. Ali, Welfare fez grandes gols, Marcos Carneiro de Mendonça fez suas grandes defesas, Oscar Niemeyer deu seus piques, a Seleção Brasileira fez seu berçário e tome Romeu, Brant, Batatais, Rodrigues, Pedro Amorim, Russo, Preguinho, Castilho, Pinheiro, Didi, mais uma multidão.

Não tenho religião, mas sinto a presença absoluta dos deuses de carne e osso que escreveram a história de Álvaro Chaves desde os tempos da Rua Guanabara. Existe uma presença. Frequento aqueles

degraus de concreto há quarenta anos e sempre tenho uma sensação especial ao pisá-los. Do outro lado, as lembranças da nossa torcida, especialmente entre os anos de 1986 a 1995, quando fui presença cativa em jogos, treinos e chutes a gol – eu saía da UERJ e vinha para o clube, onde encontrava meu grande amigo Jorge Pinto – que vinha da Santa Úrsula – e então os esbaldávamos com as pancadas de Dago nas cobranças de falta. Ou aquela meninada a caminho do futuro: João Santos, Alberto, Zé Maria, Robert, Gama.

Sento-me bem perto da tribuna e penso nas Laranjeiras lotadas. Meu pai sentado ao lado. Nossas bandeiras. O pó de arroz. Foram anos incríveis que me sugeriram lágrimas de saudade, cercado pelo silêncio do sábado pela manhã, só quebrado pela chegada do querido amigo Carlos Perez, batalhador incansável da

preservação da memória do clube através da valorização dos nossos ex-jogadores. Ocupado, ele precisa cuidar da administração do jogo; então o silêncio volta de mãos dadas com o campo dos sonhos, eu volto a ter dez anos de idade e todo o mundo pela frente. Ah, meu Fluminense da infância!

III

Pausa rápida para um abraço em Gabriel Peres, um dos maiores tricolores que conheço e que dá tudo de si para que as coisas deem certo nas nossas imagens, cenários e sons. Gabriel é de um elenco de Heitor D'Alincourt, Antonio Gonzalez e outros nomes que têm o que dizer porque são testemunhas, estafetas e artífices da história, não subcelebridades da internet que não resistem a cinco minutos de análise curricular.

Lá estava o meu amigo com seus cabelos à Zakk Wilde gravando a história, fotografando, filmando – não importa que não se diga mais de filmar, a expressão é eterna.

Ah, meu Fluminense, que precisa de abraço e não de sabotagem!

IV

A pelada começou por volta das onze da manhã. O time dos veteranos com a camisa tricolor, enfrentando o Fluminense de branco dos amigos e convidados. Um jogo onde o Flu sairia vencedor de qualquer maneira.

Em certo momento, jogaram juntos Deley, Eduardo, Arthurzinho e Mário. É até difícil dizer o que estes caras representam para mim. O Arthur não ficou o tempo que devia nos profissionais, mas eu o vi fazer chover – literalmente! – no Maracanã, num mitológico 6 a 2 que o Bangu

impôs à Gávea. Um monstro! De Deley, o mundo sabe – e é impressionante como, aos 58 anos de idade, ele bate na bola com a mesma curva que encantou a todos os garotos tricolores de 1980 a 1987 – o seu lançamento mais conhecido, aquele para o apoteótico gol de Assis em 1983, foi apenas mais um entre milhares de verdadeiras obras representativas das artes plásticas. Mário foi o camisa 10 de 1980, a aplicação, a velocidade, o talento e a garra – dispensa comentários. Eduardo veio mais tarde, mas jogou tanto, tanto, tanto que só a trajetória undercover explica porque não foi titular absoluto da Seleção Brasileira por dez anos consecutivos.

V

Tantos outros nomes, entre os que jogaram a pelada e os que vieram para o evento, tanta história, pouco

importando os títulos ou as fases, o talento ou a limitação, mas a atitude de defender a camisa do Fluminense ao logo de todos esses anos.

Duílio, Edson Mariano, Osmar, Claudio, Walter, Durval, Marcelo Zebrinha, Robertinho, Ricardo Geraldinho, Fábio Bala, Didi 1970, Marco Antônio Feliciano, Carlos Alberto Pintinho, Flávio Renato, Paulo Lino, Mário Jorge, Edson Souza, os irmãos Alexandre e Ricardo Cruz, Erivelto, Alexandre Torres, Rogério, Betinho, um mar de gente. Qualquer torcedor tricolor perto dos cinquenta anos de idade já ouviu falar ou viu todos estes nomes. Quase todos estes ainda são meus botões. E eu passei dos dez aos vinte anos de idade, indo e vindo, respirando Fluminense e sonhando com os melhores anos da minha vida, quando éramos mais unidos aos domingos, éramos gente de verdade, quando um tricolor via no outro um irmão – ok, às vezes era

preciso protestar, mas a cobrança não tinha a ver com rancor e ódio – era paixão e não cólera – não existia torcedor de candidato à presidência.

O time tricolor venceu por 3 a 2, um placar emblemático que se mistura com a história das três cores. Entre belos passes e dribles, arrancadas tímidas e belas jogadas, a certeza do tempo que passou e que não volta – mas também a certeza de que é possível celebrar o que tivemos de melhor: a nossa estampa.

VI

Em certo momento o Wagner Aieta apareceu e conversamos sobre várias coisas, mas o que importa é falar das divertidas: música em geral e Chiquinho Zanzibar. Não sei se alguém nos ouviu ou interceptou, mas o fato é que pouco tempo depois, o amigo visitou a sala de troféus e acabou involuntariamente trancado

na mesma. A versão oficial é que o pobre funcionário não percebeu o Aieta por lá e saiu para resolver algum problema, trancando a porta. A lenda (mais do que plausível) dá conta de que, enquanto o rapaz saiu da portaria, o vingativo Chiquinho Zanzibar usou sua cópia indevida da chave e trancou-o. O Gonzalez o acudiu. Ufa!

VII

Do time de branco, um dos destaques foi meu amigo Cacá Cardoso, que transitou entre a zaga central e a quarta-zaga, sempre com elegância e cabeça erguida nos lances, mais a boa antecipação. Estava tão bem que cobrou um pênalti, mas o goleiro defendeu. Explica-se: Cacá não ia fazer um gol contra seu próprio time tricolor. Nota 8,5. Brincadeiras à parte, uma grande notícia é o amparo do clube para a criação da Associação de Ex-Jogadores, passo fundamental

para a preservação e o respeito à nossa história.

VIII

Eu não fui ver simplesmente um jogo no Estádio das Laranjeiras.

Na verdade, estive lá me inebriar com as lembranças dos melhores anos de minha vida. Para reencontrar a mim mesmo, a minha essência, os meus valores.

Revi vários de meus heróis e neles reconheci a história construída com os pés, pouco importando os dias alegres e tristes – eu sou Fluminense em qualquer ocasião!

Passei duas horas de paz nas silenciosas sociais das Laranjeiras e voltei no tempo.

Abracei meus amigos.

Depois de (mais) um ano tão difícil nos campos tricolores e em

volta deles, eu deixei de lado tudo o que cerca a crônica, a literatura, a política e a politicagem.

Ali só me interessava ser o ator do único papel realmente importante que me cabe quando o assunto é Fluminense: o do torcedor que ama sua camisa, que cultiva, que celebra. E é deste sábado que trago os tanques de oxigênio para 2018 para meu uso particular. Quem quiser, que mendigue nas calçadas da ojeriza e da cólera; eu vou é caminhar pela calçada simples da amizade e do respeito. O ódio é dos covardes, dos medíocres e dos sem currículo: meu caminho é super outro, por motivos já bastante conhecidos.

A lamentar, apenas o fato de não poder estar na arquibancada com meu pai me puxando pela mão. Eu não sabia, mas poucas coisas na minha vida eram tão felizes como aquele ato, que representava a minha própria vida de garoto: perseguir o

Fluminense, persegui-lo, pensar nele, esperar o próximo jogo, o próximo treino, a próxima lição de amor.

IX

Escrevendo estas linhas no sábado à noite, no aconchego de meu modesto lar, passo pelos canais de TV e me deparo com um belo show de Baby Consuelo, cantando um de seus clássicos: “Menino do Rio”, hit de Caetano Veloso que invadiu o Brasil em 1980. Foi exatamente naquele ano que, em condições financeiras terríveis, o Fluminense montou um time de garotos revelados na base e ganhou um grande título sobre o poderoso Vasco na final, deixando para trás o Mais Querido da Imprensa.

Aquele ano de 1980 foi o da nossa mocidade independente, o dos nossos meninos do Rio. O tempo passou, os cabelos ficaram brancos

ou desapareceram, os vincos nasceram nos rostos, mas eles continuam por aí, correndo atrás da bola numa pelada como se fosse o grande jogo de suas vidas.

Que este sábado tenha sido o prenúncio de um Fluminense melhor em 2018: mais feliz, mais amigo, mais gente.

SOBRE O AUTOR

Paulo-Roberto Andel é um dos escritores mais publicados na história bibliográfica do Fluminense – a mais extensa da América do Sul -, até aqui com treze livros, dentre eles “Do inferno ao céu: a história de um time de guerreiros”, “Pagar o quê: respostas à maior bravata da história do futebol brasileiro”, “O Fluminense que eu vivi”, “O Fluminense na estrada” e outros. Por conta de seus esforços literários, recebeu a diplomação simbólica de Tricolor Ilustre em sessão solene do Conselho Deliberativo do Fluminense em 21 de julho de 2014. Também é coautor de “2014: o espírito da Copa”, além de autor dos dois volumes de “Cenas do Centro do Rio”.

Escreve regularmente no blog *otraspalabras!* sobre literatura e poesia, além de ser editor do blog Panorama Tricolor, uma das referências de literatura de futebol do clube e do Brasil, cuja produção coletiva já ultrapassou o total de 10.000 páginas e 8.000.000 de visitas.

VILA
REJO



Tricolor

Este livro foi produzido entre os dias 02 de novembro e 22 de janeiro de 2018, com fonte Bookman Old Style. A versão eletrônica teve sua primeira edição distribuída gratuitamente, visando chegar aos tricolores que, por diversos motivos, possuem dificuldades de aquisição.

**“A memória
é uma ilha
de edição.”**

Waly Salomão

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-919299-6-2



9 788591 929962